

O ROSTO FEMININO DA MIGRAÇÃO SAZONAL

Maria A. Moraes Silva *



Foto: Arquivo CEM

Em geral, os estudos sobre as migrações temporárias revelam que elas se referem aos homens. Segundo estas interpretações, enquanto as mulheres ficam, os homens partem. Portanto, se existe visibilidade quanto à migração masculina, há a invisibilidade quanto à feminina. Este fato pode ser explicado pelas seguintes razões:

1 - em se tratando de populações camponesas, geralmente, o que ocorre, é que alguém precisa ficar para desempenhar as tarefas agrícolas durante o tempo de ausência daqueles(as) que partem. Normalmente, atribuem-se às mulheres o papel de ficarem na terra, uma vez que o mundo exterior pertence aos homens.

2 - em virtude das relações de gênero prevalentes na sociedade, cabe às mulheres as funções ligadas à reprodução, tais como as tarefas domésticas e o cuidado dos filhos.

3 - geralmente, a migração feminina é interpretada *vis-a-vis* o emprego doméstico de mulheres solteiras nas cidades¹.

Estes três fatores fundamentados na compreensão da migração feminina a partir da óptica da divisão sexual do trabalho, através da qual, às mulheres são destinadas as funções reprodutivas acrescidas àquelas ligadas ao trabalho na terra.

O objetivo deste texto é contar uma outra história. História de mulheres migrantes sazonais. Camponesas do Vale do Jequitinhonha (MG) que partem em busca do pão de cada dia na região de Ribeirão Preto (SP). O trabalho é a colheita do café e o corte da cana. Trata-se de mulheres casadas, solteiras, viúvas, sós, com filhos pequenos, maiores, lactentes, grávidas (Silva, 1995).

São situações diferenciadas, produzidas, no entanto, no bojo do mesmo proces-

so de expropriação e de miséria. Miséria da terra que não garante mais as condições de sobrevivência. Miséria de corpos famintos e doentes (Bison, 1995).

Algumas migram com parentes, conhecidos, pais, maridos, filhos, outras mulheres, só ou são arregimentadas pelos gatos no lugar de origem. Quando se destinam ao corte da cana, não podem residir nos alojamentos das Usinas que abrigam apenas homens. Neste caso, resta-lhes a opção de residir nas pensões das cidades-dormitórios. Se forem para a colheita do café, são alojadas nos barracões que mais se assemelham às senzalas, em razão da precariedade das condições existentes (Silva, 1988).

A presença destas mulheres no circuito das migrações temporárias, ao desmontar a lógica das análises baseadas nos esquemas rígidos da divisão sexual do trabalho, revela a face oculta deste fenômeno e os diferentes arranjos criados para articular o trabalho assalariado na região de destino e as funções reprodutivas.

Em razão das inúmeras situações encontradas, torna-se impossível estabelecer regras ou normas capazes de captar toda a diversidade deste universo. Desta sorte, optou-se por contar três histórias que representam o rosto feminino desta migração.

ELETRIZ

Eletriz, negra com trinta e sete anos de idade (em 1988), trabalhou durante catorze anos nas seguintes usinas: São Martinho, Santa Adélia, Balbo, Santa Eliza, São Geraldo, em quase todas as usinas, segundo suas palavras. Em cada usina, "tirava uma safra". A última foi na Santa Eliza.

Quando criança, migrou juntamente com a família para Londrina (PR), onde o pai trabalhava na fazenda Paracatu como parceiro nas lavouras de café. Após três anos nesta fazenda, a família retornou para o Vale do Jequitinhonha. Continuaram trabalhando "nas terras dos outros". A impossibilidade de lograr o mínimo para a sobrevivência, fez com que a família migrasse definitivamente para Barrinha, cidade-dormitório da região de Ribeirão Preto.

Ela não acompanhou a família, pois, resolvera casar-se com apenas catorze anos de idade. Continuou trabalhando no "ter-

reno" do sogro. Depois de seis anos de casada, foi abandonada pelo marido. O motivo, segundo ela, deveu-se a uma longa doença causada por muita "fraqueza". Ficou nove meses internada num hospital em Teófilo Otoni (MG), em virtude de problemas de "cabeça", de "incosto".

"Eles me tiraram pra fora porque eu tinha este incosto. Meu marido com isto desgostou e arrumou outra e foi embora pra São Paulo".

Após deixar o hospital, foi morar no "terreno" do sogro, onde seguiu trabalhando para sustentar os filhos e ele próprio, já que se achava doente e impossibilitado para o trabalho.

Descreve este tempo como sendo marcado por muitas dificuldades, em virtude da terra ser fraca e, portanto, incapaz de garantir as mínimas condições de reprodutividade do trabalho. A fraqueza da terra aliava-se à sua própria fraqueza constituindo uma simbiose de despossessão e miséria absoluta.

"Tinha dia que eu amanhecia assim(...). Não tinha nada pra dar para os meus filhos. Eles saíam pelos vizinhos, chegavam com um punhadinho de coisas. Outros davam um prato de comida pra eles comerem. Muitas vezes pra não morrer de fome, eu saía pedindo. Eu pedia mandioca, ralava, pra poder fazer um mingau pra dar para os meus filhos comer. Ia na roça, pegava folha de batata e dava pra eles".

Mediante esta situação, ela se "destinou mesmo a sair pra fora". Foi, portanto, o quadro de extrema miséria que a **forçou ao destino da saída**. Apesar da saúde debilitada, de possuir um corpo fraco (doente), ela era o único membro da família que poderia vender a força de trabalho nas usinas.

Para não deixar os filhos morrerem de fome, migrou durante catorze anos, "de lá para cá de cá para lá, igualzinho a uma andorinha que parte em busca de pão para meus filhos". Tirava os seis meses na safra, e na parada (entressafra) voltava para casa.

Inquirida a respeito de não levar os filhos consigo, ela disse:

"A senhora sabe o que é? Porque meu sogro não dava os meus filhos para mim(...). Ele falava assim: você pode ir, eu olho os

filhos para você. Eu não fico sem os seus filhos".

Esta parte do seu discurso revela aspectos importantes das relações de gênero. Pode-se inferir, por um lado, que a impedindo de levar os filhos, o sogro estava, na verdade forçando-a a não deixá-lo só para morrer de fome, já que estava velho, incapaz de migrar e doente. Ficando com os filhos dela, ele garantiria sua sobrevivência com o dinheiro enviado por ela durante a safra, e, com o próprio trabalho dela no período da "parada", mediante as funções assumidas na roça de subsistência.

Ademais, é possível perceber, que as razões da migração não podem ser adstritas às condições objetivas. Uma teia de relações criadas e recriadas no cotidiano vai se consolidando, a partir da organização social de gênero existente, que ratifica o poder masculino na pessoa do sogro, em virtude da ausência do marido. É esta organização de gênero que define o seu destino. Na realidade, para ela, teria sido mais fácil mudar-se definitivamente para a região de Ribeirão Preto, uma vez que seus pais aí residiam. A guarda forçada dos filhos remete aos valores presentes nas relações semióticas entre os gêneros masculino e feminino.

Desta sorte, ser mãe não possui o mesmo significado de ser pai. Neste caso, o pai abandonou os filhos, indo viver com outra mulher em São Paulo, eximindo-se de qualquer função em relação à paternagem. Ao contrário, ela assumiu a maternagem, apesar das condições impostas pelo sogro. Amor, proteção e cuidado são elementos definidores do eu feminino, diferentemente do eu masculino, cujos referenciais são centrados num "ideal abstrato de perfeição". "O eu feminino está sempre referido ao ato de cuidar de outrem" (Gilligan, 1991).

Ao auto-representar-se como andorinha que parte para sustentar os filhos, enfeixa-se numa alegoria, cujos elementos semióticos são pautados não pelo biológico, mas pelo social. Ou seja, o ato de criar, de cuidar dos filhos, de alimentar, é um ato social decorrente da organização social de gênero e não da fisiologia feminina.

Imbuída desta representação, "destinou-se a sair", e foi forçada a voltar sempre porque o sogro "não deu os filhos

para ela". O que houve foi uma situação de apropriação dos seus filhos, única forma de garantir a sua volta, e, ao mesmo tempo, garantir a sua própria sobrevivência. É no jogo destas relações que se entendem os diferentes papéis dos atores deste drama. Trata-se de papéis marcados por experiências diferenciadas. Experiências definidas por um complexo de efeitos, hábitos, disposições, associações e percepções significativas resultantes de uma interação semiótica entre o eu e o mundo exterior (Lauretis, 1987).

Impregnada por esta experiência de mulher e mãe, forçada a migrar, a deixar os filhos, o resultado foi um sentimento de desmembramento.

"Ah! o duro era separar de meus filhos. Eu sentia, eu sentia (...). Quando eu saía, que eu pegava a bolsa, os meus filhos iam para o mato pra não ver eu sair. Aquilo para mim era uma coisa muito triste na minha vida. Mas, eu pensava, eu tinha que ir, meu Deus. Porque, senão, o que é que eu posso arrumar para os meus filhos. Eu ia assim, sempre com outra colega, com um parente meu, com um tio, tia, uma prima. Isto foi umas três vezes. Depois eu aprendi a estrada e fui com Deus".

O remembramento só se tornava possível durante a "parada", quando regressava. Assim, viveu durante catorze anos presa pela rede do desmembramento-remembramento-safra-parada. Em cada um destes ciclos perdia, paulatinamente, o pouco que ainda restava de sua força de trabalho, até não possuir mais condições para migrar.

"Quando eu chego aqui, ninguém me conhece, eu chego no couro e osso. Agora eu não aguento mais. Meus nervos estão tudo esgotado. Não tenho mais forças".

As metáforas **couro e osso** representam não apenas o emagrecimento causado pelo trabalho duro no corte da cana, como também o consumo do próprio corpo, através de um processo definido pela superexploração da força de trabalho. Perda das energias é o que restou para um corpo com nervos esgotados e reduzido a couro e osso. Corpo diminuído. Corpo encolhido.

Todavia, foi graças a este encolhimento, a esta morte paulatina do corpo que ela garantiu a vida dos filhos e do sogro. Para

ela, se não fosse São Paulo, seus filhos teriam morrido de fome. São Paulo configura-se como o lugar de trabalho, salário, portanto, o único meio de garantir a sobrevivência. É um lugar supervalorizado, estando abaixo apenas de Deus. No mundo dos homens, São Paulo não aparece como o lugar da superexploração de sua força de trabalho, de sua redução a **couro e osso**. Ao contrário. É para lá que Deus a destinou. São Paulo foi uma espécie de travessia para chegar à outra margem do rio.

Afirma no final do seu depoimento que espera ter sorte no outro mundo, está esperando chegar o outro mundo para Deus recebê-la, já que neste mundo ela somente sofreu como Jesus. Como Ele, ela também carregou sua cruz.

RITA

Rita nasceu no povoado de Cantagalo. Migra há oito anos para o corte de cana. Filha de parceiros, trabalhou desde criança na roça e em casa. Depois de casada, passou a trabalhar nas terras de herança do marido, juntamente com os demais cunhados. Em virtude das desavenças constantes provocadas pela não partilha das terras, o marido resolveu deixar a sua parte, empregando-se nas terras dos outros como diarista. Mesmo trabalhando com o marido, os salários eram insuficientes para sustentar oito filhos.

Em razão da extrema precariedade e da fome, restou a migração temporária como a última alternativa. Impossibilitada de levar todos os oito filhos, migra sempre com a criança que está amamentando. Através de alguns arranjos familiares, dentre eles, a cooperação da sogra e da filha mais velha, com quinze anos de idade, deixa os demais filhos para trás.

Dirigem-se sempre para o mesmo local, a cidade de Guariba, onde alugam um cômodo de uma pensão, compartilhando um banheiro e um tanque com mais de trinta pessoas. A criança que leva consigo é deixada sob a guarda da proprietária da pensão, dona Deolinda.

A maior parte de seu relato circunscreve-se aos inúmeros problemas de saúde que possui: dores por todo o corpo, inchaço do rosto e muita fraqueza. Para isso, toma Gardenal e remédio para pressão. Não

sabe dizer exatamente a doença que a aflige, pois o médico nunca lhe falou.

No que tange ao trabalho, afirma que corta pouca cana, por causa da fraqueza, embora antes, cortasse até mais que o marido. Quanto ao excessivo número de filhos, diz que eles são a vontade de Deus. Não toma comprimidos porque não possui dinheiro para comprá-los, nem utiliza qualquer método anticonceptivo. A respeito do marido afirma:

"Coitado, ele pejeja para evitar. Mas às vezes, não tem jeito (...). Acontece assim. Agora, se fosse pelo gosto dele, ele não tinha mais nenhum, porque ele fala (...), me vê assim adoentada. Mas o que ele pode fazer? Não está nas mãos dele".

O conformismo alia-se à idéia de portadora de um corpo para a procriação, contudo saiba que este corpo já não mais apresenta as condições naturais para essas funções. Ao migrar, preenche as duas tarefas para as quais foi destinada: a reprodução humana e a reprodução da força de trabalho do grupo familiar como um todo.

Malgrado as doenças, "tira toda a safra" com o marido. Não é registrada como trabalhadora individual. Sua produção soma-se à do marido, de tal forma que para a usina, somente ele aparece como empregado. Aliás, este é um método bastante utilizado. É conhecido como **Baião de dois**, ou seja, duas pessoas cortam, ao mesmo tempo, as mesmas cinco ruas. Trata-se de uma maneira de produzir a **média** exigida pela usina. É uma forma dos mais fracos, dos doentes, dos portadores de pouca força unirem-se para lograr algum dinheiro, pois, individualmente, não seriam aceitos pelos critérios de produtividade (em geral, a média exigida é de seis toneladas de cana cortada por dia).

Repetem-se, aqui, as considerações acerca das relações de gênero feitas acima. O trabalho de Rita é invisível, não registrado e, por isso, adquire o caráter de **ajuda** ao do marido. Todavia, esta é a única possibilidade existente num universo de extrema miséria. Do total do que recebem, 30% são destinados ao pagamento do aluguel do cômodo e da guarda do bebê. Descontados os gastos com a alimentação, é muito pouco o que sobra para enviarem aos filhos que ficaram.

No que concerne àqueles, exprime

muitas preocupações, motivadas pelo medo de cair em no rio existente próximo de sua casa. Reconhece que a filha mais velha, igualmente doente, não logra cuidar de todos. Com isso, aumenta seu estado de ansiedade, agravando, mais ainda, a saúde precária. Nota-se que, apesar dos arranjos familiares, não se desvencilha das funções relativas à maternagem. Mesmo ausente, assume, ao nível das representações tais funções, manifestas através de um discurso reprimido, pleno de tristezas e insatisfações.

O exemplo de Rita desvela muitos elementos escondidos desta migração: mulher migrante para um trabalho duro como o corte da cana, grávida, com filhos pequenos. Estes (des)qualificativos são responsáveis por sua retirada deste mercado de trabalho, frequentemente, reservado aos homens fortes e jovens. Daí, sua invisibilidade. Em sendo mulher, há uma aceitação deste status de trabalhadora escondida, de uma mera ajudante do marido, também fraco. Tal situação é vista como sendo natural, tanto por ela, quanto pelo marido. Reproduz-se, assim, a naturalização das relações sociais assentadas nas diferenças entre homens e mulheres.

SANTA

Santa nasceu no povoado de Cantagalo. Desde criança, também trabalhou no terreno do pai. Com a morte deste, os irmãos expulsaram-na da terra. Então, ela "saiu do terreno deles".

A partir daí, tornou-se migrante em terreno dos outros. "Desde esta época, eu estou migrando em terreno dos outros". As razões da expulsão deveram-se ao fato dela ser filha natural.

"Eles (os irmãos) falaram que eu não tinha o direito de ficar na terra. Mas meu pai me legitimou. Mas eles não me deixaram ficar; hoje a terra é só deles.

Logo depois deste fato, casou-se com um homem que também perdera as terras e trabalhava à terça nas terras dos outros. Assim, tornou-se parceira até a morte do marido, em virtude da doença de chagas. Logo em seguida, se "destinou a ir para São Paulo". Impossibilitada de conseguir a cooperação de outras pessoas para a guarda dos filhos, migra com eles.

Segundo ela, sempre consegue trabalho, porque as pessoas sentem pena em virtude de estar acompanhada das crianças. O dinheiro das passagens é conseguido através de um empréstimo de um compadre, o qual será ressarcido, assim que receber a pensão do marido.

Migra porque não logra sustentar os filhos com o que recebe na terça. Ademais paga juros altos na "venda" pelos produtos comprados a prazo. Com o salário a ser auferido, espera poder pagar as dívidas e comprar cama para os filhos, pois, os mesmos dormem em esteira de folhas de bananeira. Auto-representa-se enquanto fraca, em razão de não possuir terras e ser incapaz de garantir o sustento dos filhos.

No período da parada, regressa, porque não consegue trabalho nas usinas ou fazendas. Pelo fato das crianças serem ainda pequenas, às vezes, quando há vagas as deixa na cidade. Em caso contrário, as leva consigo para o eito dos canaviais. Identifica-se com outras mulheres do povoado que também são migrantes. Algumas deixam os filhos com as avós ou outras mulheres, vizinhas ou parentes. Outras partem com eles.

Os relatos mostram que os arranjos sociais só existem entre as mulheres, de tal sorte, que se pode falar em **feminização** deste fenômeno. Configura-se, portanto, o ato de cuidar dos filhos cabendo às mulheres.

Porém, houve, neste povoado um caso recente de abandono dos filhos pela mãe. Tal fato é interpretado como enlouquecimento desta mulher. Todavia, quando o sujeito do abandono é o homem, as percepções são diferentes. Tais atitudes são vistas como naturais porque é sempre a mulher quem cuida dos filhos. O caso relatado refere-se a uma mulher que, após a morte do marido, achando-se só com quatro crianças, pensou em matá-los em virtude da fome existente. Contudo, não possuindo coragem para executar este ato extremo, deixou uma delas na casa de um irmão, outra foi colocada num chiqueiro e as outras duas foram deixadas no mato. Em seguida, foi embora e nunca mais regressou.

No que tange aos inúmeros casos de abandonos pelos homens, há a legalização desta situação, por intermédio das licitações de desaparecimento de maridos. Ou

seja, após decorridos cinco anos de ausência do marido, a mulher pode, juridicamente, solicitar a anulação do casamento.

Este fato é o indicador da enorme incidência de mulheres sós no Vale do Jequitinhonha. Além de serem **viúvas de maridos vivos, são sós**. Sem recursos, sem alternativas de emprego, lançam-se na rota da migração sazonal.

CONCLUINDO...

Este texto procurou trazer à tona o rosto feminino da migração sazonal do Vale do Jequitinhonha para as usinas da região de Ribeirão Preto. Em outro trabalho (Silva, 1988), foi revelada a saga daquelas que migram para as fazendas de café.

No que tange às causas desta migração, apesar da miséria se constituir no pano de fundo comum, recai sobre elas o peso da organização social de gênero assentada numa gramática sexual que, além de discriminar as mulheres, impõe-lhes valores cujos significados configuram o destino social de suas vidas. São mulheres consideradas inexistentes no conjunto desta migração.

Contudo, ao "escovar esta história a contra pelo", desvela-se não somente o mundo da exploração de classes presente no eito dos canaviais, como também aquele que ocorre nos lugares escondidos, íntimos, intocáveis e invisíveis, porém, reais.

* Maria A. Moraes Silva é Prof^a do Dpto. de Sociologia da FCL/UNESP-Araraquara.

NOTA

1 - Esta pesquisa procurou captar a situação dos(as) migrantes temporários nas regiões de origem e destino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BISON, W.P. (1995) *A volta por cima. Mulheres migrantes entre o Vale do Jequitinhonha e São Paulo*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia Humana. São Paulo, USP.
- GILLIGAN, C. (1991) *Uma voz diferente*. Rio de Janeiro, Rosa do Tempo.
- LAURETIS, T. de. (1987) *Tecnologies of gender*. Bloomington: Indiana University Press. p. 18.
- SILVA, M. A. M. (1988) "A migração de mulheres do Vale do Jequitinhonha para São Paulo: de camponesas a proletárias". *Travessia* - Ano I, nº 1, maio-agosto. p.9-15. São Paulo, CEM.
- SILVA, M. A. M. (1995) *Desígnios e trajetórias de camponesas migrantes*. In: BLASS, L. (org.) *Temas*, Ano I, vol 1, p. 65-99, Araraquara, F.C.L./UNESP.